CMUHE009527

MARTINS, José Pedro. Reserva é laboratório biológico. Correio Popular, Campinas, 15 out. 1991.

Reserva é laboratório biológico

A busca de um lugar selvagem, onde a vida se manifesta em plenitude, sempre povoou os sonhos da humanidade. Este lugar era chamado de "Terra Prometida" pelos judeus e de "Terra Sem Males" pelos índios guaranis. Mais recentemente, a onda ecológica e esotérica vem alimentando a nostalgia por um Xangri-lá que parece cada dia mais distante no tempo e no espaço. A cerca de 15 minutos do centro de Campinas, entretanto, existe um pedaço desse paraíso perdido no tempo do disco-laser e da TV de alta definição. É a Mata de Santa Genebra que, com seus 250 hectares (2,5 milhões de metros quadrados; aproximadamente três vezes o Parque de Lagoa do Taquaral), é uma das duas maiores matas nativas em áreas urbanas do Brasil, ao lado da Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Localizada na rodovia que liga Campinas a Paulínia, por onde circulam diariamente centenas de caminhões que transportam petróleo, o combustível chave da sociedade industrial, a Mata de Santa Genebra continua a anos-luz de distância do trânsito engarrafado, do relógio-ponto e de outras tantas neuroses modernas. A Santa Genebra, com suas 250 espécies de árvores é o santuário de bugios, macacos-prego, capivaras, cachorros-do-mato, veados, esquillos, gambás e diversas espécies de cobras mais ou menos assustadoras. Também é o refúgio preferido para a procriação de tucanos, papagaios, gaviões, nhambus, anus e outras aves que, às vezes, deixam seu habitat para pousar em algum canto da grande cidade.

Com toda essa riqueza biológica, a Mata de Santa Genebra é um laboratório inesgotável para biólogos, botânicos e zoólogos. Acredita-se que ela seja a área de mata nativa mais estudada no País, além da Floresta Amazônica. Apenas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), existem cerca de 20 pesquisadores e inúmeros estudantes que estão constantemente na Santa Genebra, à cata de informações para teses, monografias e estudos.

As pesquisas em processo na Santa Genebra assumiram agora uma dimensão ainda maior, nas vésperas do Brasil sediar a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92. A Conferência do Rio de Janeiro vai discutir a formulação de um novo modelo de desenvolvimento, que concilie progresso econômico e justiça social com preservação do meio ambiente. Como observa o biólogo Mauro Galetti, um dos tantos especialistas que pesquisam a Santa Genebra, o estudos das relações entre animais e as matas nativas é fundamental para que o Brasil consiga chegar a esse novo modelo de desenvolvimento. "As matas nativas, como a Amazônia, têm muitos recursos naturais que podem ser explorados sem agressão ao meio ambiente", afirma o biólogo. Para Galetti, estudar as relações entre animais e plantas, em uma área como a Mata de Santa Genebra deixa de ser, portanto, algo de apenas romântico, transformando-se em tarefa essencial para que o Brasil descubra como irá explorar seus recursos naturais sem devastar o meio ambiente.

Pensando na importância dos estudos em desenvolvimento na Mata, a Fundação José Pedro de Oliveira idealizou o 1º Congresso da Mata de Santa Genebra, que será realizado em abril de 1992, dois meses antes da Conferência do Rio de Janeiro. No Congresso, serão apresentados todas as pesquisas em andamento e aquelas já concluídas em torno da Santa Genebra. Segundo o botânico Hermógenes de Freitas Leitão, vice-presidente da Fundação José Pedro de Oliveira, deve sair do Congresso a publicação de um livro com tudo o que já se sabe sobre a área. Um tudo que ele acha ainda pouco, perto da riqueza que a Mata certamente esconde. (JPM)